

O ENSINO DA E PELA DEMOCRACIA NO PIBID

Leandro Augusto de Rezende¹

Meu nome é Leandro, brasileiro interiorano, de origens humildes e como tantos filhos de uma pátria, nascido adjetivado enquanto cidadão, acolhido por aquela contida em um mundo que nos salta aos olhos de criança. Muito cedo somos inquiridos, não como somos ou estamos, pois como dependentes ainda somos *outros*, mas sobre o que seremos: “o que você vai *ser* quando crescer?” E, como muitos filhos, do interior do Brasil, e de origens humildes, escolhem por mim, escolhem o que serei.

Aprendo na escola os saberes que permeiam o mundo, os saberes que a escola, como outro sujeito, estabelece como importantes a este *ser eu* que está crescendo, crescendo para *ser*. Aprendo através de tantos outros sujeitos que aprendo a confiar como fiadores deste meu porvir, meus professores.

Percebo que estou crescendo. Tive uma educação primeira para um mundo de tantos outros que percebo ainda com ingenuidade; tive uma educação segunda, cindida em fundamentar e remediar aquilo que serei quando crescer, em que pelo olhar da ciência investigo um novo mundo de tantos novos outros, donde a certeza aparece como garantia da verdade de um novo mundo.

Sei que cresci. Aquela pergunta deve ser respondida... Mas, há resposta? Se não, ainda não *sou*? Eis que outro sujeito aparece com o intuito de sanar minha incerteza histórica acerca de mim mesmo: o mercado, um sujeito indeterminado e oculto, como aquele das aulas de português, aparece em meu mundo, sem forma, sem conteúdo e sem identidade, mas disposto a me ceder uma. E eu acabo sendo. Mas, sou eu mesmo? O percebo como em minha primeira educação, ingenuamente, mas não sei quem é perante minha segunda educação, concretamente. Mas ele, [o mercado] de alguma forma sabe quem sou, o que quero e o que serei... Será? Será que *sendo* pelo outro aprendemos a *ser* nós mesmos?

¹ Pibidiano do curso de Licenciatura em Filosofia da PUC Minas.

Aprendemos a *sermos* nós mesmos. Aprendo a ser eu mesmo. Enquanto eu, sou um. Singular entre tantos outros. Particular em *ser* eu mesmo. O *meu* aparece paralelamente comigo enquanto sujeito. Já não sou mais outro, sou eu. Cresci e sou. Mas e o outro?

Aprendi a ser eu à medida que desaprendi a ser outro. Aprendi a suprimir o outro para que eu aparecesse. O outro aparece existindo apenas quando pergunto, enquanto uma resposta a mim que sou o sujeito da oração; da relação. O outro é objeto, seja direto ou indireto, assim como tantos conteúdos que aprendi para que pudesse vir a ser eu mesmo e acabei esquecendo, pois ao me ocupar em *ser eu* e não mais outro, acabei me esquecendo do *ser outro*. Ao me encontrar como sujeito, acabei encontrando o outro, mas apenas como objeto.

Porém, neste meu mundo ainda em crescimento, ainda em um aprendizado remediador, há algo me lembrei nos idos de meu aprendizado mediador: “penso, logo existo.” Devo pensar, devo filosofar. Acerca de mim e do outro. Acerca daquilo que penso. Acerca de mim enquanto sujeito de escolha. Acerca do mercado. Não teria este, penso, escolhido pensar por mim, logo escolhido pensar minha existência? Sim, este não sou eu. Sim devo filosofar.

E depois de tanto tempo, primeiro sendo outro, segundo sendo outro pensado, pensando ser eu mesmo, resolvi escolher. Devo filosofar. Escolhi a Filosofia para tentar ser eu. Descobri que não sou apenas eu. Descobri o outro primeiro nos livros de Filosofia, segundo na escola, uma *escola-outra*. Eis que outro sujeito aparece com o intuito de sanar minha incerteza histórica acerca de mim: a escola, um sujeito simples e composto, como aquele das aulas de português, aparece em meu mundo, a ser formado, sob tantos conteúdos e com várias identidades, mas disposto a me ceder uma. E eu acabo querendo ser: educador. Mas, para sê-lo, preciso aprender. Aprender o outro e com o outro: o educando. Este não como mero *outro-objeto*, mas como *outro-sujeito*, sujeito de conhecimento, em que a educação não seja apenas primeira ou segunda, mas seja uma, formadora de um sujeito que perceba, investigue, seja eu e seja outro, sejamos nós.

Enquanto estudante de Filosofia e futuro educador, percebo o quanto a educação da pátria onde nasci e em que cresci carece de tantos *outros-sujeitos* que assim como eu pensam a educação como certeza que aparece como garantia da verdade de um novo mundo, uma educação que deve ser pública, de todos, principalmente daqueles e para aqueles alijados por um mercado onipotente, onisciente, onipresente e impiedoso. Mas,

tanto este mundo porvir quanto um modelo de educação, que permita a tantos sujeitos a crescer e em crescimento, escolherem *ser* por si mesmos sem delegar tal importância a uma entidade abstrata ulterior, estão imersos, ainda, em incertezas.

Todavia, enquanto em minha certeza de estudante de Filosofia e futuro educador, aparece em meu horizonte comum a tantos *outros-sujeitos* uma possibilidade: o PIBID, um projeto, uma política pública em que sua proposta capital de “iniciação à docência” nos permite nortear o futuro desta educação que queremos. Um programa que (a)credita na formação docente pela importância que lhe cabe e que através da concessão de uma bolsa complementar de estudos, de extrema importância àqueles, que assim como eu, escolheram ser formadores do outro enquanto sujeitos. Que permite aos futuros educadores, ser parte do cotidiano da escola, do cotidiano da educação, como sujeitos determinados e evidentes, pensando no futuro da profissão de educador, pensando no futuro da escola, pensando no futuro de todos os sujeitos que aparecem neste cotidiano comum: pensando no futuro do país.

É na certeza da importância deste programa assim como o mesmo foi pensado em 2013, ano de sua implantação, que a minha verdade como *sujeito-educador* de outros sujeitos me aparece. Desde que ingressei no programa, orgulhosamente ostentando o adjetivo de Pibidiano, principalmente no período em que estou presente na Escola Estadual Maestro Villa-Lobos, sob a supervisão do Prof. Thiago Luiz Miranda, é que percebo e tenho ciência de uma formação pedagógica além dos muros da universidade e das teorias didáticas, que, por mais importantes que sejam, carecem de uma práxis educacional. Uma práxis centrada na díade ensino-aprendizagem, materialista-histórico-dialética, possibilitando uma formação pedagógica que se torna essencial e consciente do passado, do presente e do futuro que queremos para a educação do Brasil, para o futuro deste e de todos enquanto sujeitos: uma prática revolucionária. Revolução como necessidade para uma nova educação, para novos sujeitos, para uma nova sociedade. Uma educação que além de me permitir ser sujeito do processo educacional, me permite conceber o outro que me aparece, enquanto educando, como outro sujeito deste mesmo processo educacional, tendo como horizonte a educação daqueles que antes de *vir a ser* algo mediante a educação disposta na escola tida como um fim em si mesmo, já *são* [sujeitos] re-conhecidos como tal.

Um país para ser uma democracia plena deve inicialmente ter como preceito basilar da formação de seus cidadãos o espírito democrático, pautado por uma educação inclusivista e não exclusivista, como ostensivamente tem sido mercadoria para corporações que têm no lucro, na objetificação do outro e na manutenção do *status quo* seus fins; uma educação que coadune qualidade e quantidade, donde o mero expansionismo arraigado ao cumprimento de um mero “dever” constitucional não seja um fim em si mesmo; uma educação em que os aspectos formativos do indivíduo enquanto sujeito de conhecimento e de direitos não sejam suplantados pelos aspectos punitivos de um sistema educacional e de uma sociedade defasados.

É na certeza da importância deste programa assim como o mesmo foi pensado em 2013 (Portaria 096/2013) que vejo na sua drástica alteração e deformação pelo edital publicado em 2016 (Portaria 046/2016) um mero reformismo que nada mais é que a representação de um retrocesso sem precedentes, um exemplo de um total descaso no processo de formação docente, conseqüentemente discente, um assalto à formação de ambos, formação esta que já é promovida pelo PIBID em sua forma e conteúdo originais e consolidados desde 2013, uma demonstração de um atentado à democracia no país, preceito tão alardeado pelo atual governo, tão urgente na atual conjuntura política nacional devido à deturpação escancarada do mesmo.

É esta forma arbitrária demonstrada na imputação desta mudança (des)estrutural no PIBID que todos os nós, educadores e futuros educadores lutamos diariamente para extirpar do horizonte dos educandos como sujeitos e cidadãos.